

António Costa, o mistificador

por Manuel Abranches de Soveral

Diz o aforismo que, em terra de cegos, quem tem um olho é rei. E nesta nossa terra, que de facto parece de cegos, convém que alguém escorreito da visão venha pôr alguma ordem na mistificação que se está insidiosamente a instalar nos meios políticos e nos supostamente bem-pensantes *opinion makers*.

José Sócrates, líder socialista e primeiro-ministro de má-memória, que conduziu Portugal nos passos finais da sua longa caminhada para o abismo da bancarrota, caiu finalmente nas malhas da justiça, acusado de corrupção, e está preso preventivamente, o que diz muito sobre a sua culpabilidade.

A evidência desta afirmação devia ser auto-suficiente. Mas a mistificação superveniente ao facto foi de tal ordem que convém justificá-la, a bem da pedagogia social.

Não há dúvidas de que Sócrates foi líder socialista e primeiro-ministro. Porventura, foi mesmo o mais carismático líder do PS e é certo que foi o único primeiro-ministro deste partido com maioria absoluta. Também é certo que foram os seus governos que conduziram o país à bancarrota e até negociaram o programa de salvação da *Troika*. É também verdade que as desgraças nacionais começaram muito antes, pelo que é certo dizer que ele deu os últimos passos em direção ao abismo, nomeadamente quando aumentou de forma nunca vista (e de forma permanente) a despesa pública. Logo, é de má-memória. Dizer que caiu finalmente nas malhas da justiça é também totalmente apropriado, tendo em conta os inúmeros processos em que foi suspeito enquanto governante e que foram arquivados, declarando os investigadores de um deles que não o puderam interrogar. E as célebres escutas telefónicas que foram destruídas. Finalmente, é também um facto que está preso preventivamente. No momento em que escrevo este texto, a justiça ainda não disse nada sobre os fundamentos da prisão preventiva

nem sei se vai dizer alguma coisa. Como quer que seja, independentemente dos pressupostos legalmente consignados para permitir esta decisão, uma coisa é certa: como também a mesma lei diz, a prisão preventiva só é aplicada perante fortes indícios de culpabilidade. Tendo em conta de que se trata de Sócrates, podemos extrapolar que existem **fortísimos** indícios de culpabilidade.

Colocada a questão nos seus devidos termos, a conversa sobre a justiça para já acabou. Até ao novo passo no processo judicial, não há mais nada a dizer no que toca à justiça, a não ser o de esperar que cumpra o seu papel em tempo útil.

A questão agora é política. Como o manhoso António Costa instruiu as suas hostes logo na manhã da detenção, à justiça o que é da justiça; e à política o que é da política. Seja!

E da política é, desde já, a fortíssima probabilidade de o PS ter tido um líder e Portugal, por sua mão, ter tido um primeiro-ministro corrupto. Poderão os socialistas, para neste particular não se confundirem com os comunistas, não arrancarem a fotografia do Sócrates das galerias do Rato. Mas isso não muda a realidade.

Quando os acusados no chamado caso dos vistos dourados, apenas uma semana antes, foram detidos e depois presos preventivamente, o PS exigiu a demissão do ministro da Administração Interna e até do governo, não porque estivessem minimamente implicados, mas porque o ministro era amigo pessoal de algum dos detidos.

E António Costa? Não era amigo de Sócrates? Mais: não era o número dois do seu governo? Não foi acusado por António José Seguro de socrático e de representar as indesejáveis ligações da política com os negócios? Não escolheu ele a múmia socrática do Ferro Rodrigues para líder parlamentar?

Porque não se demite António Costa? Porque se esconde atrás de mistificações, as mesmas em que era mestre José Sócrates.

Será que a ética socialista já chegou a tal ponto que aceita explicações como as que António Costa já deu, segundo as quais é preciso pensar nas coisas boas que Sócrates fez, como o Simplex?

Quer dizer que, para António Costa, um líder socialista e um primeiro-ministro que faça algumas coisas boas, como o Simplex, já pode ser corrupto?

Será que o PSD e o CDS vão continuar a cair na esparrela que lhes criou António Costa, não se pronunciando politicamente sobre esta gravíssima situação? Embora não ponha as mãos no fogo por ninguém, não creio, pelo menos no que toca a Passos Coelho, que seja por ter telhados de vidro. De facto, como o actual primeiro-ministro salientou, os

políticos não são todos iguais. Mas também toda a gente sabe que à mulher de César não basta ser honesta. Ou seja: a presunção de inocência não existe em política e o ónus da prova são os eleitos que o têm constantemente de fazer perante os eleitores.

O problema, aqui, não está portanto no curso da justiça, que seguirá impávido e sereno, quer os políticos queiram quer não. Nem o discurso paternalista sobre a divisão de poderes precisa de ser constantemente repetido.

O facto político está criado com a detenção, acusação e prisão preventiva. Tanto no caso Sócrates como no dos chamados vistos dourados. Miguel Macedo não veio dizer apenas, bacocamente: à política o que é da política e à justiça o que é da justiça. Demitiu-se! Justamente porque tirou consequências políticas e não se escondeu em mistificações.

António Costa devia fazer o mesmo.

Porto, 25.11.2014